

O arquivo e a biblioteca da Casa Barão de Melgaço

Elizabeth Madureira Siqueira

O Arquivo

Repositório da memória, espaço aberto às manifestações e expressões de uma determinada época, passado longínquo onde os homens do presente buscam uma identidade, procuram os fios da meada embaraçada, e a razão de ser seu próprio viver e dos homens de sua época. Mas não só isso, é na documentação que conseguimos, no alinhavar do processo pretérito/presente, projetar o futuro.

Nessa perspectiva, o Arquivo da Casa Barão de Melgaço é farto de representações, legados e contribuições deixados pelos homens que estiveram direta ou indiretamente ligados à sua História. Composto por Coleções documentais riquíssimas e variadas, se encontra hoje, parcialmente reinaugurado, informatizado e catalogado. Nesse trabalho, realizado

sob nossa coordenação – na categoria de Curadora da Casa Barão de Melgaço – contamos também com a efetiva participação dos alunos de Pedagogia e de História, que não mediram esforços na separação, leitura, transcrição e sistematização dos documentos históricos.

Composto por quatro Fundos, esse arquivo guarda documentos que vão do século XVIII ao XX, e que pertencem às seguintes Coleções:

Coleção 1 – Família Mendonça – compreendendo os papéis gerados por Estêvão e Rubens de Mendonça. Doados pela família, após o falecimento deste último, esse acervo abarca duas épocas diferenciadas, a do pai – Estêvão de Mendonça –, que viveu no final do século XIX e primeiras décadas do XX, e a do filho, Rubens de Mendonça, cuja trajetória esteve, umbilicalmente ligada a Cuiabá, sua terra natal. De uma riqueza ímpar, esse acervo é composto pelos escritos originais das obras dos dois intelectuais e historiadores, incluindo ainda papéis relativos à correspondência particular e profissional, escritos avulsos e inéditos, apreciações sobre obras, artigos de jornais escritos por eles ou recortes devidamente colecionados e referentes a assuntos de suas preferências. Além desses, inclui ainda papéis pessoais e dos familiares.

Vale sobrelevar, nessa primeira Coleção, documentos relativos à participação de Rubens de Mendonça na seara jornalística, a farta documentação em que ele se apoiou para escrever suas mais de 50 obras, além de documentos originais, dentre os quais destacamos o Auto-Sumário Crime da Rusga, movimento armado deflagrado durante o período regencial e que, na ordem daqueles nacionais, representou o segundo em escala cronológica, visto datar de maio de 1834. Esse processo-crime foi de amplo conhecimento dos historiadores que fundaram o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, pois, na edição comemorativa do centenário da Rusga – 1934 – em publicação especial da sua Revista, encontramos inúmeras citações desse documento. Após esse evento, essa peça documental como que “desapareceu” do convívio dos historiadores mais contemporâneos. Por ocasião do traslado dessa documentação pessoal dos Mendonças para o Arquivo da Casa Barão de Melgaço, pudemos constatar sua existência dentre os papéis desses dois historiadores e, hoje, se encontra à disposição dos pesquisadores. Um trabalho de transcrição e análise desse documento foi realizado por nós, quando da elaboração de nossa Dissertação de Mestrado, ocasião em que enfeixamos no primeiro volume, uma parte

introdutória, seguida da transcrição, na íntegra do Auto-sumário-crime. No segundo volume, adicionamos, para um melhor entendimento da Rusga, cerca de 149 documentos que, cotejados ao processo, oferecem ao pesquisador dados plurais e versões diversificadas sobre o episódio. O terceiro volume é dedicado aos índices onomástico e topográfico, elemento facilitador da consulta ao vasto *corpus* documental. A nossa dissertação está depositada na Biblioteca da Casa Barão de Melgaço.

Coleção 2 – Instituto de Pesquisas Dom Aquino Corrêa – composto de documentos colacionados por um grupo de historiadores, liderados, inicialmente, pelo Pe. Wanir Delfino César e, posteriormente, pelo Pe. Pedro Cometti. Durante muitos anos, o primeiro desses clérigos – historiador regional, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso e da Academia Mato-Grossense de Letras, instituição que chegou a dirigir – iniciou a organização de um arquivo eclesiástico, no qual estavam reunidos documentos relativos à trajetória histórica da Igreja Católica em Mato Grosso.

Pelo volume dessa documentação e sua extensão cronológica, dividimo-la pela clássica demarcação: Colônia, Império e República. No interior dela podemos destacar:

Parte da correspondência dos capitães-generais, com especial destaque para Luís e João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres;

Doações de sesmarias;

Parte dos escritos do Pe. José Manuel de Siqueira, Professor régio de Filosofia e grande cientista, possivelmente o descobridor, no sertão oeste, da quina peruviana, sobre a qual deixou inúmeros escritos.

Notícias sobre os estabelecimentos que guarneciam a fronteira oeste, com especial destaque para os Fortes de Coimbra, Príncipe da Beira e Bragança;

Uma interessante correspondência do engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra também merece destaque, seja pelas descrições do perigo de invasão espanhola, ou pelos trabalhos a que se dedicou por longos anos junto ao Forte de Coimbra e no reconhecimento dos rios da região;

Documentos pertinentes às capelas, igrejas e também aqueles referentes à fase em que Cuiabá se transformara em Prelazia e, posteriormente, em Diocese. Dentre esses *dossiês* eclesiásticos, podemos ainda referenciar aqueles relativos às Irmandades Religiosas – instituições para-religiosas, composta por civis que se reuniam em torno de um santo ou santa de sua devoção, cujo altar se localizava numa determinada Igreja. Assim, esses irmãos e irmãs, visando a cuidar do culto daquele santo, auxiliavam nos trabalhos da Igreja, acumulavam bens para sustento das comemorações do santo de sua proteção, realizavam a festa anual do mesmo e também sustentavam as atividades da Irmandade através da qual os enterros dos irmãos eram realizados. A documentação das Irmandades é raríssima e preciosa, visto constar de livros de registro dos termos de mesa, de assentamento dos bens e alfaias e também dos compromissos aprovados pelo Capitão-General e Conselho Ultramarino ou, na Monarquia, pelo Imperador.

Existe no interior dessa Coleção, uma interessante série de Correspondências relativas ao Frei José Maria de Macerata, ao Pe. Ernesto Camilo Barreto, ao primeiro Bispo de Cuiabá, D. José Antônio dos Reis e ao segundo, D. Carlos Luiz D'Amour. Trata-se de cartas trocadas entre essas personalidades e autoridades eclesiásticas nacionais e internacionais, o que é comprovado pelas múltiplas missivas escritas em latim.

Foi no bojo dessa documentação que encontramos uma das séries mais preciosas, qual seja aquela relativa ao Seminário Episcopal da Conceição, primeira instituição de ensino secundário, criada no ano de 1858, na província de Mato Grosso, e que teve um importante papel no seu desenvolvimento educacional. Trata-se de livros da secretaria do estabelecimento, nos quais é possível encontrar as matrículas dos alunos, o plano de curso da escola, seus mestres, cadeiras lecionadas, conteúdos etc. Além desse, um outro livro sobreleva-se, qual seja, aquele destinado ao registro das atas da Congregação do Seminário Episcopal da Conceição no qual são registradas todas as principais decisões relativas ao ensino, às questões disciplinares – de alunos e professores –, assim como são discutidos e aprovados os conteúdos e os livros didáticos utilizados no estabelecimento. Outro livro raríssimo e importante para se conhecer os mestres dessa escola é aquele que serviu para registrar a trajetória dos Lentes, desde sua formação escolar e atuação junto ao estabeleci-

mento. Podemos considerar a série Seminário Episcopal da Conceição uma das mais preciosas, visto que a historiografia regional pouco analisa a atuação desse importante e precursor estabelecimento de ensino, isto por causa do desconhecimento dos documentos.

Outra seriação importante é relativa às Pastorais expedidas pelo primeiro Prelado, Frei José Maria de Macerata e pelos Bispos D. José Antônio dos Reis e D. Carlos Luiz D'Amour.

Coleção 3 – Arquivo das Instituições Culturais de Mato Grosso – Nessa série estão organizados documentos relativos às instituições culturais mais antigas de Mato Grosso, algumas, hoje, extintas, como o Grêmio Literário Júlia Lopes, Grêmio Álvares de Azevedo, e outras, ainda vivas, como o Instituto Histórico de Mato Grosso e o Centro Mato-Grossense de Letras. Integram essa coleção: Livros de registro de sócios, relação de obras e dos empréstimos efetivados junto à biblioteca, livros de atas das sessões, livros-caixa etc. A seriação mais completa diz respeito à documentação pertinente ao Centro Mato-Grossense de Letras e ao Instituto Histórico de Mato Grosso, instituições octogenárias e que, com sua produção intelectual, colaboram para a preservação da memória regional. A última foi criada no ano de 1919, e a primeira, em 1921. Na documentação dessas duas instituições destacam-se os seus primeiros livros de atas, os quais registram e resgatam suas trajetórias e o papel desempenhado pelos seus membros no cenário intelectual de Mato Grosso.

No interior do acervo da Casa Barão de Melgaço, merece destaque o Livro de atas da Comissão responsável pela organização das festividades comemorativas ao Bicentenário de fundação de Cuiabá – 1919, cuja leitura enseja o conhecimento das principais atividades celebrativas realizadas durante o mês de abril do mencionado ano.

Outra série documental de extrema importância é aquela relativa à Guerra do Paraguai, constituída de correspondências trocadas entre comandantes mato-grossenses que atuaram no cenário das contentas, especialmente na parte sul da então Província de Mato Grosso. Existem ainda muitas listagens de soldados que integraram os diversos batalhões, nas quais aparecem os nomes dos alistados e dados relativos à sua pessoa: idade, estado civil, residência etc.

Coleção 4 – Acervo Ramiro Noronha – composto por uma expressiva documentação gerada e produzida por Ramiro Noronha, braço direito de Rondon em seus trabalhos junto ao Serviço de Proteção

aos Índios e Trabalhadores Nacionais. Nesse acervo encontramos diversas tipologias documentais: cadernetas de campo, mapas, plantas e fotografias. Sobreleva nesse conjunto o acervo fotográfico, composto de cerca de 700 fotos relativas aos postos indígenas, compreendendo desde aquelas relativas à abertura de estrada, construção de pontes e edificações no interior dos postos, assim como de inúmeras relativas aos índios, antes e depois de aldeados. Esse acervo está sendo objeto de catalogação. Ao lado dessa vertente temática, a Coleção Noronha inclui expressiva massa documental pertinente ao movimento implementado por Getúlio Vargas durante o Estado Novo – a Marcha para o Oeste –, na qual Mato Grosso desempenhou um importante papel. Nessa movimentação, Ramiro Noronha foi escolhido para dirigir o então Território de Ponta Porã, criado com fins estratégicos no interior da Marcha.

Coleção 5 – Periódicos Raros – série constituída das principais Revistas e Jornais colecionados pela Casa Barão de Melgaço. Como exemplares únicos, esses periódicos se revestem de dupla significação – raros e preciosos. Na série jornais, encontramos exemplares cujos títulos datam do século passado, a exemplo de *O Ferrão*, *A Cruz*, *A Tribuna*, *O Debate*, *O Liberal*, *A Razão*, *O Mato Grosso*, *O Município*, *Correio do Estado*, *Republicano* e outros. No interior da série Revistas, podemos destacar *A Violeta*, *O Argos*, *O Liceunista*, *A Escola*, *Pindorama*, *A Civilização*, *A Letra*, *A Nota*, *ABC*, *Amazônia*, *A Reação*, *Brasil Oeste*, *Ecos Juvenis*, *O Caçula*, *O Garimpeiro*, *O Industrial*, *O Semeador*, *o Liceu*, *Pequeno Mensageiro*, *Pró-Família*, *Família Cuiabana*, apenas para relacionar aqueles produzidos regionalmente. Grande e extensa coleção de Revistas nacionais também integra essa série.

A documentação que compõe o Arquivo da Casa Barão de Melgaço pode ser avaliada como preciosíssima, visto que constituída de papéis gerados e produzidos em acervos privados e eclesiásticos, constituindo-se em Mato Grosso, um dos mais importantes conjuntos documentais disponíveis às pesquisas contemporâneas.

As bibliotecas mato-grossenses e a da Casa Barão de Melgaço

Discorrer sobre uma biblioteca de Mato Grosso é percorrer a trajetória intelectual, a formação e a produção do conhecimento apropriada e produzida pelos mato-grossenses, ao longo de sua quase tri-secular história.

Comecemos, portanto, caminhando sobre a trajetória do livro em Mato Grosso. Durante o período colonial, muitas obras de relevo fizeram parte da bagagem dos capitães-generais, dos cronistas e dos cientistas que atuaram no cenário regional. Deste acervo, muito pouco se conhece, a não ser informações esparsas escritas pelo eminente mato-grossense José de Mesquita, que, em sua obra *Gente e Coisas de Antanho*, ao discorrer sobre um dos primeiros cronistas de Mato Grosso colonial, José Barbosa de Sá, conta-nos que, em seu inventário, teria ele deixado como legado uma biblioteca contendo 131 volumes e 79 títulos. O mesmo é confirmado pelo também eminente historiador Prof. Dr. Carlos Rosa, em obra escrita em parceria com Neuza Rosa, intitulada *Do Indivíduo ao Grupo: para uma história do livro em Cuiabá*. Conta-nos Rosa que, entre os 97 títulos, incluíam-se obras nas áreas jurídica, literária, filosófica, histórica, política, educacional e religiosa. Essa biblioteca, riquíssima para a época, acabou sendo arrematada por um outro cronista, sucessor de Barbosa de Sá: era ele Joaquim da Costa Siqueira, autor das famosas *Crônicas do Cuiabá*, preciosidade à qual recorrem, ainda hoje, os historiadores que desejam recuperar a trajetória mato-grossense nos setecentos. Infelizmente, como nos contam Carlos e Neuza Rosa, este segundo cronista, mais interessado em zelar pelos seus escravos e sesmarias, acabou deixando, em seu testamento, apenas 16 volumes constantes de sua biblioteca.

Certamente, no século XVIII, existiram obras nos acervos pessoais dos grandes cientistas que contribuíram com seus conhecimentos para o engrandecimento da ciência na então capitania de Mato Grosso, tais como os engenheiros:

Pe. José Manoel de Siqueira: Nasceu em Cuiabá, foi para o Rio de Janeiro, onde se ordenou padre em 1782. Daí seguiu para Lisboa, tornando-se sócio efetivo da Real Academia das Ciências de Lisboa. Retornou a Cuiabá em 15 de julho de 1798. Nessa vila, foi nomeado professor de Filosofia. Em 8 de abril de 1800, nas imediações do Morro de São Jerônimo, na Serra de Chapada, descobriu a árvore da quina ou da casca peruviana. Tinha uma excelente cultura geral e muito especial em História e Botâni-

ca. Escreveu: *Memória sobre a decadência das três Capitanias de Minas e Meios de as reparar* e *Memória a respeito do descobrimento das Minas dos Martírios*.

Ricardo Franco de Almeida Serra: Português, nasceu em 1748. Filho de um humilde criado palaciano, entrou, logo após os primeiros estudos, na carreira militar, onde se tornaria um dos mais competentes engenheiros. Por ocasião da assinatura do Tratado de Salto Ildefonso (1777), foi ele designado como demarcador, ao lado de Joaquim José Ferreira, José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes, em nome de Portugal. No ano de 1780, deixava Portugal em direção ao Brasil, aportando em Belém do Pará. A comissão demarcadora portuguesa aguardou, por muitos meses, a chegada da comissão espanhola, que nunca apareceu para desenvolver aquela tarefa. Cansados da espera inútil, o grupo de cientistas acabou desenvolvendo excelentes trabalhos, no Pará, Piauí e Maranhão, especialmente no reconhecimento dos rios. Ricardo Franco deixou o Pará e, após 171 dias de viagem, chegou em Vila Bela da Santíssima Trindade (28 de fevereiro de 1782). Como fruto científico dessa viagem, deixou ele escrito o famoso *Diário do Rio Madeira*. Após recuperar-se da longa viagem, da qual chegou muito doente, Ricardo Franco, por ordem do governador da capitania de Mato Grosso, tendo como companheiro de trabalho Lacerda e Almeida e Silva Pontes, reconheceu e explorou muitos rios do complexo hidrográfico guaporeano. Seu trabalho seguinte foi a exploração e reconhecimento do rio Paraguai, do qual redundou o excelente *Diário da diligência do reconhecimento do rio Paraguai*. Os cientistas terminaram retornando para Vila Bela, onde montaram um escritório para a elaboração das seguintes cartas geográficas:

- Mapa do rio Madeira;
- Carta geográfica do rio Guaporé;
- Carta limítrofe do país de Mato Grosso e Cuiabá;
- Mapa do distrito do Jauru;
- Mapa dos terrenos compreendidos entre a ponta da Serra dos Limites, rio Paraguai, Vila Bela e Mato Grosso.

Deixou ainda Ricardo Franco os seguintes trabalhos:

- *Reflexões sobre o estado da capitania de Mato Grosso, combinado com os domínios espanhóis que lhe são confinantes* (1792);
- *Descrição geográfica da Capitania de Mato Grosso, oferecida ao Capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro* (1797);

- *Discurso sobre a urgente necessidade de uma povoação na cachoeira do Salto do rio Madeira* (1797);
- *Parecer sobre os estabelecimentos que S. Majestade manda fundar nas cachoeiras do rio Madeira e sobre a navegação da cidade do Pará até Vila Bela* (1797);
- *Memória geográfica do rio Tapajós* (1799);
- *Memória sobre a capitania de Mato Grosso* (1800), dentre outros trabalhos.

Francisco José de Lacerda e Almeida: Paulista, filho de José Antônio de Lacerda e de Francisca de Almeida Paes. Era formado em Ciências Naturais e Astronômicas pela Universidade de Coimbra. Foi contratado pela Coroa para servir como membro da Comissão de demarcação de Limites estabelecidos pelo Tratado de Santo Ildefonso. Partiu de Lisboa em 8 de janeiro de 1780. Em 1 de setembro de 1786 chegou a Cuiabá, vindo de Vila Bela pelo caminho dos rios, em companhia de Antônio Pires da Silva Pontes e Ricardo Franco de Almeida Serra. Em 15 de outubro, partiu de Vila Bela incumbido de efetuar o levantamento fluvial dos rios Taquari, Coxim, Pardo e Tietê. Faleceu na África em 1802.

Álvaro da Fonseca Zuzarte: Capelão militar. Acompanhou a Comissão Demarcadora de fronteiras que, em 22 de fevereiro de 1782, chegou a Vila Bela, nomeada pelo Governo português para delimitar a fronteira Oeste, de acordo com o Tratado de Santo Ildefonso. Faziam parte dessa Comissão Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim José Ferreira, do Real Corpo de Engenheiros, Francisco José de Lacerda e Almeida e Antônio Pires da Silva Pontes, matemáticos e astrônomos. Em 29 de setembro de 1783 participou da fundação da povoação de Casalvasco, assinando a respectiva Ata de Fundação lavrada nessa data.

Antônio Pires da Silva Pontes: Astrônomo e matemático formado pela Universidade de Coimbra (1777) e chegou a Vila Bela em 28 de fevereiro de 1782. Participou da fundação da povoação de Casalvasco, assinando a respectiva Ata de Fundação, lavrada em 29 de setembro de 1783. No ano de 1786, chegou a Cuiabá, vindo de Vila Bela pelo caminho fluvial, em companhia de Ricardo Franco de Almeida Serra e de Francisco José de Lacerda e Almeida. Prestou grandes serviços à Capitania de Mato Grosso, junto aos trabalhos de demarcação de fronteiras, levantamentos de rios, observações astronômicas. Retornou a Portugal em 1790, sendo nomeado lente da Academia da Marinha, com o posto de Capitão de Fragata.

Nomeado Governador da Capitania do Espírito Santo, exerceu a sua administração até 17 de dezembro de 1804. Sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa, deixou uma série de trabalhos escritos, tais como roteiros e memórias, alguns em parceria com Lacerda e Almeida, todos publicados em números da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Faleceu no Rio de Janeiro em 21 de abril de 1805.

Joaquim José Ferreira: Sargento-Mor de Engenheiros em Vila Bela. Em 29 de setembro de 1783 participou da fundação da povoação de Casalvasco. Em 1790 foi despachado para Cuiabá, por ordens do Capitão General, para demarcar os limites meridionais da Capitania de Mato Grosso e reforçar a guarnição do Presídio de Coimbra, pois haviam chegado notícias de que tropas espanholas, de bote, haviam aparecido no referido Presídio, alegando ter que subir o rio Paraguai para medições de fronteira, o que foi impedido. Partiu de Cuiabá em 2 de dezembro, com mais de 300 homens, sendo 51 dragões, 60 pedestres e 190 milicianos e um capelão. Trabalhou sempre em conjunto com Ricardo Franco de Almeida Serra em suas medições de fronteiras e levantamentos geográficos de toda a Capitania de Mato Grosso. Foi comandante do Presídio de Coimbra, por ocasião da pacificação dos índios Guaicurús, em 1790. Em setembro de 1791, pela rota do Pará, regressou para Portugal.

Domingos Sambucetti: Engenheiro, construtor do Forte do Príncipe da Beira. Assinou a Ata de Construção do Forte, lavrada em 20 de junho de 1776, quando do início de sua construção.

Alexandre Rodrigues Ferreira: Naturalista, nascido na Bahia em 27 de abril de 1756, bacharel em Ciências Naturais pela Universidade de Coimbra. Foi encarregado pela Coroa portuguesa para estudar a fauna e a flora brasileiras. Essa *Viagem Filosófica* foi idealizada pelo Ministro Martinho de Mello e Castro, o Marquês de Pombal. Partiu sua expedição de Lisboa em 1º de setembro de 1783. Pesquisou por alguns anos a flora e a fauna amazônicas, nas capitanias do Pará e Rio Negro. Em 9 de junho de 1789, chegou ao Forte Príncipe da Beira, vindo do Pará pela rota das monções do norte. Chegou em Vila Bela no ano de 1789, muito doente, trazendo consigo três auxiliares, sendo dois desenhistas e um preparador botânico. Em Vila Bela, o capitão-general João de Albuquerque deu-lhe escolta de alguns militares que o auxiliavam na ida para Cuiabá. De lá, realizou uma missão especial no Forte de Coimbra, retornando à mesma vila, depois viajando para Vila Bela, de onde partiu para o Pará e, de lá, para Lisboa, levando consigo um dos mais importantes acervos da fauna e

flora brasileiras. Distinguiu-se como o mais importante geógrafo, botânico, etnógrafo e zoólogo brasileiro do século XVIII. Faleceu em Lisboa em 23 de abril de 1815, vítima de profunda melancolia e depressão.

Assim, durante o período colonial, muitas obras científicas e técnicas fizeram parte do acervo pessoal desses cientistas que, tendo-as por base, conseguiram estudar e produzir conhecimento sobre a realidade mato-grossense. A maioria das obras desses estudiosos somente veio à luz, na segunda metade do século XIX e primeira do XX, graças à importantíssima coleção da Revista do IHGB.

Uma das mais antigas bibliotecas escolares de Mato Grosso foi, certamente, a do Seminário Episcopal da Conceição, instituição de ensino secundário propedêutico e escola vocacionada, primacialmente, para a formação clerical, cuja pedra fundamental foi lançada no ano de 1858. Pela documentação referente a essa Instituição, pertencente ao extinto Instituto de Pesquisas D. Aquino Corrêa, hoje sob custódia do IHGMT, os livros existentes naquele estabelecimento de ensino eram de Teologia, Gramática Latina, Gramática Francesa, Exegética, História Sagrada e de Filosofia Racional e Moral. O primeiro e mais importante lente dessa escola religiosa foi o Pe. Ernesto Camilo Barreto, que chegou a produzir vários livros e apostilas didáticos para o ensino de Latim e de Teologia.

Foi no século XIX que nasceu o germe da primeira Biblioteca Pública de Mato Grosso, isso, a partir de 1872, quando o Presidente da Província Francisco José Cardoso Júnior introduziu inúmeras reformas no ensino público, estruturando-o dentro de parâmetros modernos e lançando os germes dessa primitiva biblioteca, que, naquele tempo, se chamava Gabinete de Leitura.

O Regulamento de setembro de 1872 preconizava em seu art. 148º:

Poderá o governo estabelecer no lugar que entender mais apropriado, na capital, um Gabinete de Leitura, formado de livros que forem adquiridos mediante donativos particulares, e mediante compra de outros, compra que será oportunamente resolvida pelo Corpo Legislativo. O Gabinete estará a cargo e sob responsabilidade da Inspeção Geral das Aulas que fará observar o regulamento que o governo em tempo baixará.

Uma carta foi expedida pelo Presidente a várias personalidades moradoras da capital. Nela, expunha Cardoso Júnior a importância da instituição de uma biblioteca, criada, antecipadamente, pelo Regulamento de 1872:

[...] Para a realização de semelhante idéia peço a valorosa coadjuvação de V. Sa. A oferta desde já de livros para o Gabinete será o começo de um grande melhoramento moral. Ao Corpo Legislativo me designei pedindo-lhes os necessários auxílios. Entretanto, bom será que os filhos da província, que os habitantes dela sejam os primeiros a dar o exemplo. Não é uma coisa nova que se inicia – é uma necessidade geralmente reconhecida e que em quase todos os pontos do Império acha-se vantajosamente provida. O Mato Grosso não deve ficar aquém de suas irmãs no caminho do progresso.

Todos os elementos escolhidos como "patronos" do Gabinete pertenciam à elite mato-grossense, o que garantia a essa camada a presença de uma instituição onde seus filhos iriam ampliar os conhecimentos já adquiridos e encontrar, nas leituras variadas que o Gabinete ofereceria, instrumentos que os alçasse na direção político-administrativa da província. Faziam parte dos patronos: D. José Antônio dos Reis, primeiro Bispo de Cuiabá, homem culto, bacharel em Direito e que havia sido, durante os trabalhos desenvolvidos junto à província de São Paulo, Diretor de uma importante biblioteca. Fora também esse prelado o idealizador da primeira escola particular de ensino secundário de Mato Grosso, o Seminário Episcopal da Conceição. Por sua proeminência cultural e religiosa, fora indicado para escolher e selecionar os livros que fariam parte das estantes da primeira biblioteca de Mato Grosso; Augusto Leverger estrangeiro, engenheiro militar, personalidade de extensa cultura científica e que casara com uma cuiabana; Pe. Ernesto Camilo Barreto, baiano, culto, de formação aprimorada, chamado a Mato Grosso pelo Bispo D. José, para reger uma das cadeiras mais importantes do Seminário da Conceição, a de Filosofia Racional e Moral. Mais tarde, ocupou ele a Inspeção Geral dos Estudos; Dr. Augusto Novis, médico de grande prestígio e conceito pelo empenho que tivera, durante a Guerra do Paraguai, no socorro aos feridos e doentes e que, mais tarde, tal como o Pe. Barreto, vai ocupar a Inspeção Geral dos Estudos; José Roberto da Cunha Bacelar, advogado, Deputado e, posteriormente, professor do Liceu Cuiabano.

Assim, com o auxílio da comunidade cuiabana, o Gabinete de Leitura foi oficialmente inaugurado em 18 de abril de 1874, já na gestão do Presidente da Província, José de Miranda Reis. Ao relatar esse importante acontecimento à Assembléia Legislativa, assim se expressou aquele governante:

Muito me compraz anunciar-vos que no dia dezoito do mês último findo inaugurou-se nesta Capital o Gabinete de Leitura.

É este um fato de tanto alcance futuro que não deve passar desapercibido: Naquele recinto tem franco ingresso todos aqueles que na leitura dos bons livros tiverem a legítima e justa pretensão de enriquecer o espírito com todos os conhecimentos úteis indispensáveis aos misteres da vida, qualquer que seja a hierarquia de suas posições sociais.

[...] A Província de Mato Grosso se não pode na atualidade acompanhar no vôo as águias brasileiras, suas irmãs, que procuram tocar a perfeição física e moral, não se deixa contudo entibiar e possuir de desânimo, não: com passos mal seguros ela fita os olhos no futuro e caminha para ele indiferente às urzes e aos espinhos que juncam a estrada que trilha.

Essa primeira biblioteca pública de Mato Grosso foi, sem dúvida, uma instituição que estimulou a ampliação dos conhecimentos adquiridos nas escolas, pois, até então, a província mantinha somente o ensino primário. Pelas pesquisas que realizamos sobre o tema, pudemos elencar, através dos relatórios apresentados pelos encarregados do referido Gabinete, que, no ano de 1879, existiam 779 livros encadernados e 546 brochuras, escritos em diferentes idiomas, sendo sua grande maioria em francês, nacionalidade na qual se miravam os povos civilizados de então.

No ano de 1912, na gestão do Presidente Joaquim Augusto da Costa Marques e por iniciativa do Secretário do Interior, Justiça e Finanças, Dr. Manuel Paes de Oliveira, foi criada em 22 de março de 1912 e inaugurada oficialmente em 3 de maio do mesmo ano, a Biblioteca Pública de Mato Grosso, cujo acervo foi composto inicialmente, por 1.000 volumes, todos doados pela população cuiabana. Foi nomeado, como seu primeiro Diretor, o ilustrado Estêvão de Mendonça, personalidade que enobrece a história e a literatura mato-grossense. Diz o próprio Estêvão de Mendonça, em sua gigantesca obra *Datas Mato-grossenses*, que: *Não precisamos, nem é nosso intuito encarecer a utilidade de uma tal criação; sabido é de todos, quanto altruísmo e patriotismo é o fim a que se destina no seio da nossa sociedade, não só para os privados de recursos, desejosos de instrução, mas francamente disposta a prestar seu apoio a todos que dele careçam, aquela casa representa entre a ignorância e a instrução, um fresco e salutar oásis de luz.*

Compareceu à inauguração da Biblioteca Pública uma centena de personalidades da mais alta significação científica e literária, os quais fizeram questão de deixar consignados, através da assinatura, o respeito e louvor àquele acontecimento. Sucedeu a Estêvão de Mendonça Manuel Huguency.

A Biblioteca possuía, no ano seguinte, 1.635 obras, em 2.304 volumes. Foram adquiridos por compra 563 volumes encadernados e 12 brochados, foram ofertados 790 e 966 brochados.

História	459
Anuários e Revistas	416
Literatura	293
Jornais	218
Instrução e Educação	116
Viagens e Exploração	99
Direito, Legislação e Jurisprudência	55
Filosofia e Lingüística	50
História Universal	48
Ciências Físicas e Naturais	39
Poesias	36
Filosofia	18
Artes e Indústria	12
Corografia do Brasil	8
Ciências Médicas	6
Religião	5
Geografia	4
Política e Administração	1
Discursos	1
SOMA	1.884

Vale lembrar que, nas primeiras décadas do nosso século, não existia ainda o Arquivo Público de Mato Grosso e, por isso, a Biblioteca Pública mantinha uma sessão chamada Manuscritos, e nela eram guardados, ciosamente, os documentos doados por particulares ou por repartições públicas. Logo no primeiro ano de sua fundação, o Diretor da Biblioteca, em relatório, destacava os seguintes documentos:

- Ata de Instalação da Biblioteca do Estado de Mato Grosso com as devidas assinaturas;
- Diploma de membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, passado a 8 de outubro de 1839, a D. José Antônio dos Reis – ofertado pelo Sr. João Benedito Barreto;
- Diploma de membro honorário da Academia das Belas Artes do Rio de Janeiro, passada a 23 de julho de 1856 a D. José Antônio dos Reis – oferta da menina Bartira de Mendonça;
- Diploma de membro honorário da Sociedade de Instrução Elementar do Rio de Janeiro, passado a 20 de julho de 1840, a D. José Antônio dos Reis – oferta de João Benedito Barreto;
- Ofício nº 207 do Comando do 8º Batalhão de Infantaria e da guarnição de Cuiabá, datado de 25 de junho de 1906, dirigido ao Exmo. Sr. Cel. Antônio Paes de Barros, Presidente do Estado – oferta do Tenente-Coronel Manuel Pereira de Souza;
- Diploma Original passado pela casa Maçônica do Rio de Janeiro em 1836 à Estevão Alves Corrêa – ofertado por Estevão Alves Corrêa.
- Dois diplomas originais da Campanha do Paraguai, passados em 1872, aos soldados do 1º Corpo de Cavalaria, João Alves d'Oliveira e João Manoel Nepomuceno – oferta do tenente Otávio Pitaluga.
- Bula do papa Benedito XIV, concedendo a Dom José Antônio dos Reis indulgência plenária na hora da morte – oferta de Estevão de Mendonça;
- Lembranças diversas da usina do Itaicy, livro com termos (original) – oferta de anônimo.
- Relatório com que o Exmo. Sr. Coronel Dr. Francisco Rafael de Mello Rego, Presidente da província, abriu a 27ª sessão da Assembléia Legislativa Provincial em 2 de outubro de 1888 – oferta do Sr. Ermenegildo Amarante Peixoto de Azevedo.

No final do século XIX, quando o Gabinete de Leitura entrara em franca decadência, nascia uma das mais antigas sociedades civis intitulada Associação Literária Cuiabana, fundada, em 1884, por um grupo de intelectuais, tendo à frente, como Diretor, Francisco Corrêa da Costa Sobrinho e politicamente alicerçada pelo Diretor Geral da Instrução Pública, Dormevil José dos Santos Malhado. Essa associação, certamente, vinha dar respaldo bibliográfico ao Liceu Cuiabano, primeiro estabelecimento público de ensino secundário de Mato Grosso, criado em dezembro de 1879 e instalado no início de 1880.

Integravam essa Associação Literária, além dos nomes já citados, Flávio Crescêncio de Mattos, Antônio Modesto de Mello, Antônio Joaquim de Faria Albernaz, João da Silva Pereira, Joaquim José Torquato e Pedro Cândido Jarzem, dentre outros. Infelizmente, o acervo documental dessa preciosa instituição se perdeu ao longo do tempo, tendo, no entanto, constado do Arquivo da Casa Barão de Melgaço alguns livros de registro de empréstimos de livros e relação de pagamento de anuidade dos associados.

No ano de 1924, seu último Presidente, Major Manuel Ferreira da Costa, doou seu precioso acervo bibliográfico para uma instituição que nascera em 1921, o Centro Matogrossense de Letras, que perdura até hoje, através da Academia Mato-Grossense de Letras. Durante os quase 80 anos de existência, o Centro e a Academia preservaram o precioso e rico acervo da Associação Literária, aumentando-o substancialmente com novas obras.

No ano de 1919, foi criado o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, instituição que tinha à frente, como Patrono e Presidente, D. Francisco de Aquino Corrêa. A biblioteca do IHGMT foi constituída de inúmeras obras doadas pelos associados e adquiridas nos grandes centros.

Anos depois, a Casa Barão de Melgaço abrigou a Academia Mato-Grossense de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, cujo acervo, reunido a partir de então, constitui, sem dúvida alguma, um dos mais preciosos relicários da História das bibliotecas mato-grossenses. Nele, podemos encontrar os mais variados periódicos: Revistas, Boletins e Jornais assinados pelas duas Instituições, assim como um volume significativo de obras relativas à área das Ciências Humanas e Sociais, com destaque para a Literatura e a História. Ao lado desse conjunto bibliográfico, são encontradas obras de referência raríssimas, como dicionários, Álbuns e Enciclopédias.

A Biblioteca da Casa Barão de Melgaço: Constituída através do esforço dos associados na cessão de suas bibliotecas ou por doação e compra. O acervo da biblioteca é composto de, aproximadamente, 10.000 exemplares, datados, os mais raros e antigos, da primeira metade do século XIX. Os periódicos constituem uma série integrada das principais Revistas e Jornais colecionados pela Casa Barão de Melgaço. Como exemplares únicos, esses periódicos se revestem de dupla significação – raros e preciosos. Na série jornais, encontramos exemplares cujos títulos datam do século

passado, a exemplo de *O Ferrão*, *A Cruz*, *A Tribuna*, *O Debate*, *O Liberal*, *A Razão*, *O Mato Grosso*, *O Município*, *Correio do Estado*, *Republicano* e outros. No interior da série Revistas, podemos destacar *A Violet* (periódico dirigido, durante 50 anos, por um grupo de mulheres), *O Argos*, *O Liceunista*, *A Escola*, *Pindorama*, *A Civilização*, *A Letra*, *A Nota*, *ABC*, *Amazônia*, *A Reação*, *Brasil Oeste*, *Ecos Juvenis*, *O Caçula*, *O Garimpeiro*, *O Industrial*, *O Semeador*, *o Liceu*, *Pequeno Mensageiro*, *Pró-Família*, *Família Cuiabana*, apenas para relacionar aqueles produzidos regionalmente. Grande e extensa coleção de Revistas nacionais, hoje raras, também integra essa série.

Bibliografia

- APMT – Regulamentos da Instrução Pública, 1872, 1873 e 1874.
- APMT – Relatórios da Biblioteca Pública de Mato Grosso, 1912 e ss.
- ARTIGOS, Programa e Discurso Relativos ao Ato de Instalação do Liceu Cuiabano. Cuiabá, 1880.
- MARCÍLIO, Humberto – *História do Ensino em Mato Grosso*. Cuiabá, SECS-MT, 1963.
- MARTINS, Arilson Aparecido. *O Seminário Episcopal da Conceição: da materialidade física à proposta pedagógica*. Dissertação de Mestrado. UFMT/IE, 2000.
- MENDONÇA, Estêvão de – *Datas Matogrossenses*. Cuiabá, Governo Estadual, 1973. v. 1 e 2.
- MENDONÇA, Rubens de. *Evolução do Ensino em Mato Grosso*. Cuiabá, 1977.
- MESQUITA, José de. *Gente e Coisas de Antanho*. Cuiabá, Prefeitura Municipal, 1978 (Cadernos Cuiabanos, 4).
- ROSA, Calos e Neuza – *Do Indivíduo ao Grupo: para uma história do livro em Cuiabá*. Cuiabá, s.ed., 1975.
- SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. *Luzes e Sombras: Modernidade e Educação Pública em Mato Grosso; 1870-1889*. Tese de Doutorado. UFMT/IE, 1998.